

A Estação da Loucura (Manicômio Judiciário de Sergipe)

Manhã de quinta-feira, 22 de agosto de 2002, exatamente neste dia fatídico, aportáramos àquele local deplorável denominado então de Manicômio Judiciário de Sergipe (MANJUD). Logo de cara, para dar-nos as boas vindas uma comitiva de internos nus e sujos (o mau cheiro era insuportável), alguns gritando alucinados, enquanto outros corriam pelo corredor fétido, como que apressando-se para conhecer o recém chegado colega, que se encontrava deveras machucado, com os dois braços engessados e, a cabeça toda enfaixada, denunciando o grau de violência que o vitimara, o que aguçara ainda mais a curiosidade de todos os companheiros que n'ali se encontravam e, mesmo apesar de todo o sofrimento de que eram (são) alvos em seu cotidiano, compadeceram-se daquele pobre infeliz que acabara de adentrar a ignominiosa “estação”.

Em poucos instantes, deparamo-nos com uma cena inusitada, um interno bastante agressivo, espancando outro que tinha idade para ser avô dele. José Augusto Vidal é o nome dele; um sujeito arrogante que sofria de Epilepsia e descontrolado, que de maneira alguma deveria estar ali, pelo seu grau de lucidez e periculosidade, pois, vivia a maltratar os internos de todas as maneiras imagináveis, inclusive sodomizando-os; fato este que era corriqueiro e, contava com a parcimônia dos agentes penitenciários que nada faziam para impedir tais violências, pelo contrário, servia-lhes de galhofa, um espetáculo circense para a distração daqueles entediados servidores público, que dão um plantão de 24 horas sem fazer patavina e, passam 72 horas em casa engordando!

Ao penetrar o nosocômio, sentimos um mal estar horripilante, pois, nas paredes dos corredores vemos muita sujeira, inclusive fezes e catarro grudados nas mesmas, assim como

no chão daquele único corredor que divide-se em alas A e B, um a esquerda e outro a direita da entrada. A ala “A” faz fronteira com o presídio feminino e se interligam através da cozinha que dá para o refeitório e, serve para preparar a comida de ambos os presídios e também até então do presídio masculino que ainda estava em funcionamento. O que facilitava demais a entrada de entorpecentes no manicômio, pois, a maioria dos funcionários que trabalhavam na cozinha eram internos do presídio masculino e, circulavam livremente em meio ao pátio do presídio feminino por onde tinham que transitar para ter acesso a cozinha que abastecia os três presídios. Saindo do refeitório e indo na direção oeste, onde ficam os fundos dos três presídios, encontramos um pequeno pátio que é o lugar onde os internos tomam o banho de sol, onde dali podemos avistar também a Avenida Tancredo Neves, devido a altitude do muro do referido pátio ultrapassar pouco mais de dois metros e, o pátio ficar abaixo do nível da pista. É motivo de muita alegria quando se tem banho de sol naquele lugar sombrio, onde as afecções cutâneas e dos brônquios reinam solenemente. E também pelo fato de, fora isto não se ter nenhuma outra diversão para entreter os internos que passam o dia inteiro caminhando pra lá e pra cá naquele corredor imundo catando “bias” de pacalho até fechar um fininho para se distrair.

Enfermeiros têm-se de baterem cabeça um com o outro, porém não gostam de adentrarem o pavilhão por causa do mau cheiro; apenas um se prestava com muita idoneidade e altivez ao seu serviço: o enfermeiro Jânio. E talvez por isto tenha saído de lá; por ver que o Estado é demais omissos com as agruras e necessidades que padecem o doente mental aqui no estado de Sergipe. Tinha também a D^a Ana, que era a chefe de enfermagem, uma senhora distinta e muito prestativa, porém não encontrava mais forças para debalde lutar para melhorar o dia-a-dia daqueles internos, uma vez que a sua labuta naquele local já se somava mais de vinte anos, pois, ela começara ainda a trabalhar quando o manicômio era lá dentro do

presídio masculino e, servia também entre outras coisas de “tranca” para os internos deste presídio.

Caminhando pela ala “B” encontramos a situação ainda pior, pois nesta, jazem os doentes mais graves que dormem pelo chão frio em meio à abundante umidade e aos ratos que sempre se fazem presentes como sendo os legítimos moradores daquele recinto. Do lado esquerdo desta ala tem oito cubículos menores, com uma só “pedra” (cama de alvenaria) e um pequeno banheiro; do lado direito são sete cubículos maiores, dos quais seis, têm três “pedras” cada um e, o último é bem maior que os outros, e, também mais fétido, mais úmido, mais sombrio, tem umas oito “pedras”, todas danificadas e, as paredes não ficam por baixo, tampouco o “banheiro”, neste “quarto”, são trancafiados os mais doentes (uma covardia tremenda), pra completar o cenário degradante, em frente a este, ficam as trancas (local onde os internos ficam cerceados durante dias de castigo sem poder saírem).

Por diversas vezes presenciamos os internos contorcendo-se em convulsões durante uma noite inteira (flagramos isto várias vezes) e, não aparecia uma viva alma para prestar-lhes qualquer tipo de socorro; pois, ficam a mercê da própria sorte (são criminosos e devem ser tratados como tal!). Se pelo dia já não se tem a assistência devida, após trancarem os cubículos à noite, o tormento é indizível, não existe palavras em nosso vocábulo que possam expressar a dimensão do doloroso (e Doloso) martírio por que passam aqueles internos em seu perene suplício! Pois, o pessoal da enfermagem que têm por obrigação dar assistência aos mesmos vai para os seus alojamentos, assim como os agentes, e, salvo os doentes, não existe absolutamente nada naquele local que faça-nos lembrar nem mesmo remotamente que aquilo ali, é um “Hospital de Custódia e Tratamento”, como querem que o chamemos e, como está exposto na fachada de entrada e, diga-se de passagem, nem mesmo na Idade Média conseguira-se auferir tamanha crueldade, pois, noutros tempos, apressavam-se para “dar cabo” daquele ser nefasto e pernicioso que tanto maculava a sociedade.

¹A morte-suplício é a arte de reter a vida no sofrimento, subdividindo-a em “mil mortes” e obtendo, antes de cessar a existência, the most exquisite agonies. O suplício repousa na arte quantitativa do sofrimento.

Presenciamos por diversas vezes os internos sendo espancados pelos agentes penitenciários ou, a mando destes, que insuflavam os mais “conscientes” a fazê-lo em troca de algum favor, e, depois de espancados eram arrastados e trancafiados na tranca; onde permaneciam por vários dias, às vezes meses. Sabonete para banharem-se os internos só recebia uma vez por mês, precisamente na última quinta-feira de cada mês; ocasião que se realizava a visita da pastoral carcerária, e, improvisava-se uma missa no saguão onde se recepciona os familiares nas visitas de domingo (para quem as tem). É somente neste dia, que, para maquiagem a realidade, os internos tomam banho e ganham calção e camisa para participar da mesma, se bem que as “samaritanas” que para ali se dirigem nunca tiveram a hombridade de sequer adentrar o pavilhão para detectar possíveis irregularidades; pois, é um fato que achamos um tanto esdrúxulo e paradoxal, haja vista que nos presídios os familiares dos internos adentram os pavilhões em dias de visita, fora a visita íntima que eles têm no sábado, mas, os doentes não, nenhum familiar pode em hipótese alguma chegar nem perto do pavilhão; para não sentir o mau cheiro e presenciar o tamanho do descaso certamente! Que ser humano conseguiria dormir ao presenciar um familiar seu naquelas condições? Os psiquiatras que ali trabalham são conhecedores de todos esses infortúnios que estou a narrar-vos, não é segredo para ninguém, pois, não fizéramos outra coisa durante o tempo que lá estivemos a não ser denunciar a desventura que acometia os internos daquele nosocômio.

²Só posso esperar que não esteja longe o tempo em que as forças, o pelourinho, o patíbulo, o chicote, a roda, serão considerados, na história dos suplícios, como as marcas da barbárie dos séculos e dos países e como as provas da fraca influência da razão e da religião sobre o espírito humano.

O problema é que todos só estão preocupados com o seu próprio umbigo e, não têm coragem, sensibilidade, tampouco ética, conquanto que nada venha a afetar o salário deles! E, ainda há quem defenda a razão e a sensibilidade no homem pré-histórico, será mesmo que estamos indo de encontro às leis da natureza e, ao invés de evoluir estamos regredindo? Pois quem prossegue indolente e conivente (porque omissão consciente e prevaricação são conivência!) com tamanha atrocidade ou, é um ser destituído de qualquer resquício de razão e sensibilidade, ou, nos leva a crer, que é um psicopata passando por uma crise infrene de sadismo. “Os chamados autênticos psicopatas são totalmente desprovidos de qualquer sentimento ético e social e, em consequência disto, não possuem o menor arrependimento e remorso quanto ao que fazem.” (PENTEADO, 2000)

Não podemos em hipótese alguma permitir que tais crimes continuem sendo perpetrados pelo Estado, que acima de tudo tem o dever de proteger todos os seus tutelados, assim como toda a população, que se encontra órfã por conta da negligência e irresponsabilidade do patético e demente patriarca necrosado pelo câncer do capitalismo, que tudo o que faz é excluir esses miseráveis, negando-lhes um atendimento digno e capaz de reabilitá-lo para conviver e, poder desfrutar da aprazia d’uma vida em harmonia em sociedade.

Para tentar mantê-los sob controle a psiquiatra responsável pela instituição (Dr^a Elma) prescrevia-lhes altas doses de sedativos e psicotrópicos, que era religiosamente servido pelos enfermeiros as 8: 00 da manhã, as 13:00 e as 20:00; Muitos desses internos impregnavam (reações adversas causada pela incompatibilidade do organismo com a droga), o que gerava bastante transtorno para os mesmos, pois, imaginem vocês: além da pessoa estar presa num local daqueles; ter que ficar várias horas do dia com o maxilar deslocado sem conseguir fechar a boca, a coluna completamente torta fazendo um ângulo de 160 graus e, pra completar o tormento tinha deles (como nos casos de Josevan e Edvaldo Cardoso) que a retina ocular

mirava-se para o alto e, eles somente conseguiam enxergar o teto. Era uma verdadeira aflição até o momento que os enfermeiros resolvessem vir para aplicar-lhes uma ampola de Fernegan (um antialérgico muito usado nesses casos) para os mesmos retomarem o seu estado normal e, ficar aguardando a próxima crise.

Deparamos também com outra situação que nos deixara indignados: os viciados em drogas ilícitas subtraíam, muitas vezes por coação, a medicação de preferência o Levomepromazina e o Clorpromazina (Neuzine e Amplictil) dos mais doentes e, principalmente dos mais idosos, pois, eles esmagavam os comprimidos e os misturavam com o fumo ou, com a Cannabys Sativa (maconha) para fumar e, continuar perturbando os mais doentes.”Na evolução histórica das instituições, como no movimento dos corpos, há sempre que contar com a força da inércia – expressão dinâmica da massa, na mecânica dos graves, sobrevivência da tradição, no plano dos fenômenos sociais.” (SOBRAL, 1984)

Outro fato pitoresco que tivemos a fantástica oportunidade de vivenciar naquele nosocômio, foram as fugas que aconteciam, e, apesar do desespero dos internos em tentar a qualquer custo livrarem-se daquele martírio, não dava pra contermos o riso com a sucessão de trapalhadas: Numa certa noite de quarta-feira em 2005, de uma só vez, escaparam mais de uma dúzia; fora uma festa! Os que ficaram comemoraram a empreitada com efusiva alegria, ao ver aqueles bravos companheiros serrarem aquela barra de ferro da grade que servia de entrada de ventilação no final da ala “B” e, somente esta, uma simples barra, fora o suficiente para os destemidos revolucionários ganharem de súbito a tão ansiada liberdade! Fez lembrar por um instante a tomada da Bastilha na França do século XVIII, pior ainda, vibramos como se fôssemos o próprio Exército Vermelho com Lênin à frente, como nosso timoneiro, a nos guiar rumo a Praça Vermelha naquele triunfal outubro de 1917 para derrubarmos o caquético Czar e, toda aquela corja que despoticamente comandava os destinos da antiga Rússia. E, foi assim, em meio a muito entusiasmo que se processara essa magnífica fuga. Porém, a nossa

alegria se dissolvera ainda na mesma noite, quando a polícia começara a trazer novamente um a um agrilhado com algemas para passarem o resto do mês exprimidos naquela tranca imunda e, sendo sedados com bastantes injeções para acalmarem os ânimos e, servir de exemplo para que não se repetisse! Mas, o mais engraçado fora o Geraldinho, que, não tivera coragem nem de sair do matagal do fundo do manicômio; e, os demais também não lograram muito êxito porque sentiram saudades de casa e, para esta voltaram, buscando talvez o aconchego familiar e, até o carinho materno, quem sabe? Então, para a polícia fora muito fácil recapturá-los, pois já sabiam que só tinham um destino para onde podiam ir: a própria casa.

Além da psiquiatra e dos enfermeiros, na área de saúde, n'ali tem também psicóloga, terapeuta ocupacional, porém, a inércia é terrível! Aquilo é um cabide de emprego; não são capazes sequer de inventarem uma atividade para pelo menos distrair os internos, soube até que lá tem funcionários (da boca de alguns agentes) que não sabem nem o endereço do manicômio, apenas recebem o contracheque no fim do mês, o que não é novidade alguma no serviço público, esse bando de parasitas a sugar a receita do Estado e do contribuinte!

Quanto aos peritos psiquiatras, podem bem evitar de julgar. Basta examinar as três perguntas que, depois da circular de 1958, eles têm que responder: O acusado apresenta alguma periculosidade? É acessível à sanção penal? É curável ou readaptável? Estas perguntas não têm relação com o artigo 64, nem com a loucura do acusado no momento do ato. (4)

Às seis da manhã é servido o café, cheio de borra, com um pão e, um copo de arroz-doce bem aguado, ou, de mungunzá do mesmo jeito. Lá pelas doze e trinta é servida a quentinha, que de quentinha só mesmo o nome; uma comida péssima e, por vezes azeda com um copo de quisuco, que todos apelidaram de mancha-pulmão, devido à coloração do corante ser muito forte, porém, por ser a única bebida que todos têm acesso e, diferente daquela água

imunda que todos são obrigados a beber pra não morrer de sede todos reclamam, mas, não ficam sem ele. Por falar em água imunda, foram cinco anos de pesquisas naquele cativeiro e, jamais presenciamos ou, soubemos que algum dia realizou-se uma limpeza, por mais singela que fosse às caixas de água daquele lugar!

Paradoxalmente, o domingo, que é o único dia de visitas no “Hospital de Custódia” de Sergipe, e, que, se nos demais presídios é um dia de muita alegria e confraternizações; onde todos acordam ainda mais cedo para lavar a cadeia, os cubículos, vestirem a melhor roupa e, aguardarem ansiosos a chegada de seus familiares, trazendo-os comida com o tempero da mamãe, dinheiro para pagar dívidas, inclusive de drogas (pra não cair na biriba após a visita), frutas, cigarro, namoradas, pois, a presença feminina naquele lugar chega a irradiar eflúvios de muita paz e esperança, enchendo de ânimo aqueles espíritos por demais angustiados pela dor da clausura, e, mesmo os que não têm visita naquele dia felicitam-se com a presença dos familiares e amigos dos companheiros, que a essa altura já se formara uma grande amizade sendo todos íntimos uns dos outros, à ponto dos agentes penitenciários ficarem sem saber, quem é visita de quem, pois a alegria é uma só formando-se uma enorme família, unidos pelos elos inquebrantáveis e pesarosos do cativeiro. No manicômio os domingos é o dia mais triste da semana para a maioria dos internos, uma vez que poucos são visitados, a maioria há muito perdera os vínculos familiares após tantos anos de reclusão e, sentindo esvaírem-se a cada dia as suas chances de recuperar a saúde mental, olham com candidez para a família de seus companheiros, vislumbrando nestas a sua própria, para quem sabe assim, nesta elucubração saudosística sentir um pouco de conforto, se regozijando nessa catarse maravilhosa!

“O suplício penal não corresponde a qualquer punição corporal: é uma produção diferenciada de sofrimentos, um ritual organizado para a marcação das vítimas e a manifestação do poder que pune: Nos “excessos” dos suplícios se investe toda a economia do poder. (5)

A polícia de vez em quando faz revistas surpresa à procura de drogas, armas e, possíveis escavações de fuga; visitas estas que são bastante constrangedoras, uma vez que, muitas delas são realizadas durante a madrugada, enquanto todos dormem e, têm que despirem-se para ser revistado. O que é deveras aviltante! Sabemos que essas práticas corriqueiras no manicômio judiciário de Sergipe são comuns nos Hospitais de Custódia em todo o Brasil, e, que não basta somente boa vontade de uma ou duas pessoas isoladamente. É preciso uma conscientização de grande parte da população, para só assim, todos os projetos que jazem engavetados nos arquivos dos Ministérios da Saúde e da Justiça possam sair da mera promessa e materializarem-se na prática! Ademais, o doente mental é um caso de saúde e, por isto, urge-se a transferência dos Hospitais de Custódia e Tratamento de todo o País das mãos frívolas e causticantes do DESIPE (Órgão subordinado as secretarias de justiça de todo o país) e, passar definitivamente para a tutela do Ministério da Saúde, que é quem deve ter idoneidade para tratá-los, haja vista que são doentes e, não criminosos! Se cometeram qualquer delito fora encorajado por perturbações inerentes a seus transtornos, e, por isto não podem ser penalizados tampouco alijados do direito imprescindível d'um tratamento digno. É o que vemos no caput do art. 26: “É isento de pena o agente que, por doença mental e desenvolvimento mental incompleto ou retardado”, era ao tempo da ação ou omissão, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento”. (apud PENTEADO). Além dos CAPS, que já é uma realidade em algumas cidades em nosso país, e, que precisa abranger também o tratamento do doente infrator tomando-o para a sua tutela. Outra experiência que vem dando resultados surpreendentes são as residências terapêuticas.

4 Foucault, Michel; apud; p. 25.

5 Foucault, Michel; apud; p. 36

Os portões ferrolhados e o gradeado das janelas – tudo isto retirava ao asilo de alienados o aspecto de hospital propriamente dito, imprimindo-lhe a fâcies carcerária, é a célula fechada e o quarto forte, existentes em grande número nos primitivos asilos e onde eram encerrados dia e noite, muitas vezes por tempo indefinido, não só os furiosos e agitados, mas também e por vezes os melancólicos, na esperança de os beneficiar dos supostos efeitos terapêuticos dum rigoroso isolamento. (6)

É sabido que desde o século XVI a Europa vem modernizando o seu tratamento com o doente mental, aceitando-o como tal e, respeitando suas limitações e procurando adequar suas instituições para melhor recebê-los e tratá-los eficazmente para devolvê-lo aos seus, com suas funções psíquicas recuperadas e assim poder reintegrar-se ao convívio social; sem restrições ou temeridades por parte dos que com eles compartilharão os mesmos ambientes.

Nos fins do século XVIII, um movimento filantrópico se desenha nos países da Europa em prol de um tratamento humanitário dos alienados, do mesmo passo que no corpo médico se cria de vez o gosto e o interesse pelo estudo das doenças mentais. Movido pela piedade e respeito da dignidade humana, dedica-se a adoçar a sua triste condição. (7)

O pior de tudo é a dificuldade que a sociedade (inclusive alguns psiquiatras) tem em admitir que grande parte desse atraso que jaz a psiquiatria aqui no Brasil e, especialmente em Sergipe nós devemos entre outros “atravancamentos” de cunho educacional e político, porém, nada que se compare a acintosa campanha que sempre fizeram (fazem) os religiosos que sempre foram contrários (fato que não mudara muito nos dias atuais) ao tratamento do doente mental e, até mesmo da concepção da anomalia psíquica como uma doença tratável.

6 Penteado, Conceição; apud; p. 51.

7- Cid, J. M. Sobral; apud; p. 75.

Os loucos eram realmente tratados como possuídos. De fato, o complexo problema da possessão não revela diretamente da história da loucura, mas de uma história das idéias religiosas. Por duas vezes, antes do século XIX, a medicina interferiu no problema da possessão: uma primeira vez de J. Weyer a Duncan (de 1560 a 1640), uma segunda vez, entre 1680 e 1740, a pedido de toda igreja católica e do governo contra a explosão protestante Jansenista, desencadeada pelas perseguições do final do reinado de Luís XIV. (8)

É exatamente assim que ainda se comportam muitos facínoras, que usam a religião como máscara para ocultar sua verdadeira persona, e, beneficiar-se explorando a ignorância dos mais incautos, que assistem extasiados as seções de exorcismos tão comuns nos templos religiosos, onde eles armam um verdadeiro circo, para comandar todo aquele teatro dantesco de pseudo-manifestações e “milagres”, para com isto, angariarem a cada dia um número maior de prosélitos, aumentando cotidianamente a sua conta bancária, com a ostensiva extorsão dizimal, o que faz com o que a cada esquina construam uma nova igreja, pois, mais que tudo, é um meio profícuo de se ganhar dinheiro! Mas, por que estamos falando nisto agora? Toco neste assunto por lembrar-me com indignação desses idiotas que todos os domingos estão nos presídios e, no entanto não têm iniciativa de tentar melhorar a vida dos que povoam esses recintos sórdidos, não! Pra quê? Para aqueles miseráveis “endemoninhados” basta apenas que aceite Jesus como seu “Salvador”. E, livrar-se-á de uma vez por todas do espírito maligno de “Satanás”, pois somente assim recobrarão a razão! Cantar-vos-ei uma musiqueta (louvor) que, de tanto a ouvirmos, terminamos decorando mesmo contra a nossa vontade, pois, ali não se tem pra onde ir; por esta música podemos perceber o nível de primitividade que jazem a maior parte dos protestantes: **Passa espada no diabo, pisa na cabeça dele, pelo sangue de Jesus, Satanás está derrotado, tá derrotado, Satanás tá derrotado, pelo sangue de Jesus, Satanás tá derrotado!**

E, isto tudo em meio a muito barulho de palmas, gritos, percussões, triângulo que eles levavam para lá nos dias de culto.

Inclusive, escrevendo para a OAB, denunciando ao ministério público e, a psiquiatras as arbitrariedades daquele lugar. Então, logo que percebemos que podíamos ser úteis em alguma coisa e, também, o abandono em que viviam a maioria daqueles internos; arregaçamos as mangas e nos pusemos ao serviço: Primeiro, falamos com a enfermeira chefe (Dr^a Ana) para colocar dois daqueles internos para morar conosco no mesmo cubículo. Eles eram o Sr. Olílio e, José Aparecido (Cidinho), que repetia qualquer coisa que falássemos dezenas de vezes. E, nós entregávamos a medicação deles, a comida, lavávamos as poucas roupas que tinham, até mesmo porque até nossa chegada, os outros internos subtraíam a medicação do Sr. Olílio, que ficava deveras irritado, ameaçando a todos de morte, com o seu canela-ceca fictício, que o mesmo criara quem sabe na esperança de realmente assustar alguém e, assim se fazer respeitado! Pior ainda: esses dois eram molestados sexualmente. Agora imaginem: um senhor sexagenário (cabra-macho, do interior) sendo sodomizado continuamente sem ninguém para prestar-lhe socorro!

No mais, começamos também a ajudar na distribuição das refeições, o refeitório é pequeno e, é preciso um mínimo de organização para que enquanto uns estão comendo os outros que estão ainda na fila aguardando serem servidos não se desesperem e, comecem mais uma confusão, o que é um fato rotineiro no refeitório. Festa mesmo é quando se tem peixe no cardápio, pois todos adoram, embora muito raquítico os preciosos mariscos, mas, quem se importa? O importante é saborear o delicioso manjar! E, por falar em saborear, ficávamos preocupados em algum deles se engasgarem com as espinhas, uma vez que os agentes não deixam os internos comerem sossegados e, ao tempo deles, e, ficam apressando os mesmos para que acabem logo, para dar lugar aos outros e, eles saírem logo de lá de dentro, pois estes odeiam entrar no pavilhão, só o fazem obrigatoriamente, às seis da manhã

para abrir os cubículos e servir o café, ao meio dia pro almoço, seis da tarde pro “jantar” e, às vinte horas, logo após a medicação noturna para fechar os cubículos, depois disto desaparecem, retornando apenas para abri-los novamente pela manhã.

Uma série prolongada de privações penosas, poupando à humanidade o horror das torturas, afeta muito mais o culpado que um instante passageiro de dor... Ela renova sem cessar aos olhos do povo que serve de testemunha a lembrança das leis vingadoras e faz a todos os momentos reviver um terror salutar. (9)

É inconcebível a sucessão de desmando que se recalcitra de maneira veemente naquele nosocômio do Bairro América, o que, diga-se de passagem é um assalto a nossa constituição, e, devemos ter muito cuidado com isto, pois, todo despotismo nasce desta mesmíssima maneira: desde o tirano doméstico, até o maior dos caudilhos à governar uma nação; atropela-se um costume aqui outro “aculá”, depois, suprime-se um “direitozinho” mais adiante, coisa boba, quase que imperceptível aos olhares mais desatentos e, muito ocupados com os capítulos das telenovelas da Globo, e, aos poucos, vai se enraizando, viciando e, fazendo parte do cotidiano empírico da sociedade, que passa a aceitá-lo como algo normal e digno de apreço!

Ligai ao suplício o mais lúgubre e mais tocante aparelho; que esse dia terrível seja para a pátria um dia de luto; que a dor geral seja estampada em toda a parte em grandes caracteres... Que o magistrado coberto com o crepe fúnebre anuncie ao povo o atentado e a triste necessidade de uma vingança legal. Que as diversas cenas desta tragédia atinjam todos os sentidos, mexam com todas as afeições suaves e honestas. (10)

Ai está o perigo dessa retórica perversa de nosso sistema, que como pano de fundo para dar sustentação as vossas perniciosidades encontra respaldo nas religiões e, nas massas populares

que estão sempre dispostas a venderem o seu voto em troca de uma carrada de areia ou de uma bolsa-família, por exemplo, e nessa reciprocidade deletéria, vão se firmando vínculos de profundas dependências e “parasitose moral e intelectual”, deferindo aos poderosos poderes absolutos, pois, estes estarão acima de tudo, até mesmo da justiça (que é só um detalhe), e encontrar-se-á sempre uma lacuna na Lei para burlá-la!

9- Foucault, Michel; Ed. Vozes; Rio de Janeiro; p. 104.

10- Foucault, Michel; apud; p. 107.

O Ostracismo no Tratamento da Doença Mental ("Hospital de Custódia e Tratamento de Sergipe")

Muitos especulam e esforçam-se para tentar imaginar como seria de fato o dia-a-dia na clausura d'um manicômio judiciário. Porém, trabalho árduo seria mesmo para a mais perspicaz inteligência elucidar com exatidão o que acontece em meio àquele corredor fétido e estiolado. Dizemos-vos, sem receio de censura alguma, de maneira taxativa: Absolutamente ninguém por melhor intencionado que esteja, conseguirá corroborar na íntegra as atrocidades que pululam naquele lugar. Pois, o sistema não permitirá que o façam. As visitas são sempre agendadas com boa antecedência, e, sobrando poucos vestígios para os neófitos em psicologia que adentram lá por uma horinha e saem muitas vezes satisfeitos com o "honorable" trabalho que realizaram. Pois a imaturidade dos mesmos e talvez a emoção por conseguirem penetrar à crisálida férrea, não os deixam perceber que toda uma cena criminosa fora desfeita, descaracterizando o flagrante hediondo. Qual um perito que chega atrasado e vê-se incapacitado de recolher vestígios para realizar sua autópsia. Pelo contrário, ver-se-iam filmes dantescos de horror e, a conivência do Estado em flagrante delitígeno expugnando os direitos mais primordiais do doente mental enclausurado sob sua tutela. Atestando toda sua negligência e parcimônia ante os abusos cotidianos que recalcitram naquele mausoléu.

¹Extintas muito embora as fogueiras medievais ateadas pelas comunas e parlamentos locais, e mais tarde os autos-de-fé da inquisição onde, à mistura com heréticos e confundidos com eles, foram por vezes sacrificados autênticos psicopatas e anormais.

Nós quereríamos que pudesse falar por nós: José Luís de Miranda, porém este não tem o dom da voz, mas, mesmo assim, é vítima de estupros todos os dias, e, coitado! Vaga pelo àquela corredor insalubre pra lá e pra cá por mais de doze anos, pelado, em meio ao seu desespero balbuciando debalde o seu perpetuo tormento e, sem encontrar alento um único instante de sua existência. Às vezes ficamos nos perguntando: Que atrocidade terrível teria cometido essa pobre criatura pra receber tão severa punição! Ah, como queríamos que soltasse a voz Sr. Valdemar (natural de Japoatã) e, voltasse a falar e, quem sabe, jogar dominó outra vez como outrora fazia ao adentrar aquele lugar e ser silenciado pelo excesso de medicamentos. Por falar em silêncio, nunca mais falará o jovem Wildes que em 2005 calara-se para sempre, aos vinte e três anos de idade, vítima da tuberculose, mal que pletora naquele recinto. Emudecera também Sérgio Reis de Medeiros, quem sabe pela ignomínia de ser sodomizado constantemente e, ante a impotência de seu tenro corpo de pouco mais de 1.50m de altura, a única palavra que sobrara do seu vernáculo fora: “Paadee”, uma abreviação carinhosa de compadre. Também de tísica padecera Gilvan Alves dos Santos, natural de Estância, do bairro Cidade Nova, e, que passara os últimos 15 anos de sua vida dormindo pelos chãos úmidos dos cubículos que habitara naquele lugar. É incrível o que o sofrimento é capaz de fazer ao ser humano: José Aparecido dos Santos (cidinho), por tanto ser maltratado e passar semanas isolado na tranca, negava absolutamente tudo, até mesmo o seu nome e sua terra natal: Carira. Aportara àquela nosocômio ainda menino, pois, após treze anos de reclusão, seu magérrimo corpo ainda aparenta ser um jovem adulto recém saído da puberdade, porém envelhecido com as marcas indeléveis do sofrimento. Envelhecera também n’ali Josevan, que está cumprindo mais de dez anos de “medida de segurança”, o que é um paradoxo, um vitupério a nossa lei. E por falar em envelhecimento: Antônio Júlio de Menezes já é um ancião e, há mais de dez anos dá suas baforadas em seus “pacaio” por aquele corredor imundo, se vangloriando de sua pensão do fundo rural que com muita dificuldade

uma ex-mulher sua vai levar quando pode ir visitá-lo. Aliás, um dos poucos que têm este privilégio ali dentro, pois, na maioria das vezes a família entrega-os à própria sorte, o que é o caso desses outros que eu citei até o momento.

Conversando com os internos:

Falando em pensão não poderíamos olvidar o “desembargador”: Geraldo dos Santos (o geraldão), que é um homem temente a deus e, não perde às dezoito horas em hipótese alguma, a “santa missa” na canção nova, acompanhando fervorosamente a oração do terço. E, como todo bom cristão, é um homem que se satisfaz ao ver seus companheiros felizes, ao distribuir sempre que pode fumo para com eles, que na maioria das vezes passam o dia inteiro catando bias no chão para enrolar um fininho, que quando está pronto, começa-se mais uma briga, pois vem sempre outro para tentar tomar o que conseguira com o sacrifício de um trabalho árduo, às vezes de várias horas, dada a escassez do precioso tabaco naquele chão imundo. Vamos abrir um breve parêntese para explicar como o referido magistrado (segundo ele) fora parar naquele lugar: É que o mesmo estava cotado para ser o próximo presidente do tribunal de justiça, e, seus opositores para não vê-lo assumir a cabeça do colegiado colocaram-no naquela situação, alijando-o de seu merecido posto, que conquistara, ele narra inflado de soberba, num concurso de tirar mangas com mais agilidade, numa mangueira colossal. Por falar em justiça, ali tinha também, o maior pistoleiro de todos os tempos: Olílio Ferreira Bispo (vulgo catacumba), o mais vil, mais sanguinolento, frio e impávido carrasco que já aportara nessas plagas (porém, jamais matara ninguém de fato); senhor Olílio desafiava a quem quer que estivesse disposto a duelar com ele, mesmo já passando dos 65anos de idade, não perdia o traquejo com o indicador direito, que estava sempre a flexionar como se estivesse segurando

um canela-ceca e mirando-o em oposição ao seu oponente , alertava-o: “Secai” na bala fio da peste”!

²Se Durkheim e os psicólogos americanos fizeram do desvio e do afastamento a própria natureza da doença, é sem dúvida, por uma ilusão cultural que lhes é comum: nossa sociedade não quer reconhecer-se no doente que ela persegue ou que encerra; no instante mesmo que ela diagnostica a doença, exclui o doente.

Por falar em cair na bala, final trágico tivera no ano de 2007, o jovem Geraldo da Conceição (o geraldinho), que já era interno há mais de uma década, e, tinha um pai abnegado que de vez em quando vinha visitá-lo, um rapaz muito sofrido que vivia revivendo e carpindo a lembrança do desatino que cometera ao ceifar num momento de crise incontrollável a vida de sua mãe, amaldiçoando o tempo todo àquele funesto lapso cruel de tempo que jamais poderia ter existido, ele se perguntava: Por que meu deus não me desperta deste assombroso pesadelo? Porém, coincidentemente ou não, num desses surtos, em meio a uma inspeção no pavilhão, geraldinho dera uma bofetada na diretora do manicômio (Sr^a Maristela) e, é claro, fora para a tranca; em menos de uma semana geraldinho morre subitamente com um socorro tardio (como sempre) e, os funcionários alegaram ter sido por causa da ingestão de um copo de óleo que o mesmo teria ingerido. É bom ressaltar aqui: Que apesar da quantidade de profissionais da saúde que “trabalham” naquele lugar, Pasmem: estes não adentram o pavilhão, não dão banho nos internos, que passam semanas, às vezes meses com a mesma roupa, fazendo proliferar com isto a escabiose, dentre outros males de afecções cutâneas, a medicação é fornecida três vezes ao dia, por entre as grades, evitando-se assim o contato com o interno. Às vinte horas, logo após a medicação noturna, os agentes recolhem todos para os cubículos e, estes são trancados, abrindo-se às seis da manhã. Outra grande peculiaridade daquele

manicômio, é que, o banho de sol só acontece de vez em quando, porque depende da boa vontade dos agentes penitenciários, em abrir o portão que dar acesso ao pequeno pátio que fica nos fundos da instituição, separado do antigo presídio do Bairro América por uma muralha enorme nos limites desse reformatório penal que fora desativado em 2006 e, também com o presídio feminino, pois são ambos interligados, através da cozinha que prepara a refeição dos mesmos. Ficamos estupefatos ao presenciar por diversas vezes a quantidade e o tamanho das ratazanas que disputam com os internos àquele local. Daquele lugar podemos esperar de tudo, ademais quando se tem um inspetor chefe, amoral como aquele (Sr. Orlando); um sujeito inescrupuloso, que chegava ao absurdo de subtrair os colchões que chegavam para ser distribuídos com os internos, pois, só a metade destes recebia, a outra metade, os mais doentes, ficava com as sobras das espumas velhas dos colchões que eram trocados dos mais atinados. Imaginem a comida que é servida no dia-a-dia Dalí, o feijão espumando de azedo e, todos famintos ao extremo, saboreando-o para não ficarem com fome e também por não terem nem mais paladar; nem olfato; n'ali qualquer um perde tudo. Como não existe visita íntima, aliás, os familiares sequer podem penetrar no pavilhão nos dias de visita – para não se chocarem com a imundície contumaz e as condições degradantes a que são submetidos os internos. E, “pra não dizer que não falamos das flores”, tinha também um interno natural de Canindé do São Francisco chamado Marcos da Conceição Santos, o Marcão lá dentro, em sua terra natal, o popular água amarela, alcunha que ficara conhecido, porque em sua sofrida vida de menor abandonado, nunca tendo conhecido as benesses da vida, certa vez fora tomar uma fanta laranja e, não sabendo o nome desse néctar que desejava experimentar pediu ao comerciante que o servisse uma água amarela. Mas, não é só isso, Marcão passara nove anos recluso naquele local e, como nunca recebera uma única visita sequer, entendeu que para se manter, deveria prostituir-se e, assim fazia, mesmo com seu corpanzil bastante volumoso, com seus mais de 130 kg, não lhe faltava clientes dispostos a lhe pagar um sabonete ou um

creme dental para desfrutar dos seus prazeres. Desesperado com tal situação e, inclusive, segundo ele, sem haver cometido crime algum, começou a entupir os cadeados com palito de fósforo, o que dava muito trabalho para os agentes estourá-los, pois, quando uma vez entupido não há como a chave adentrá-lo para este abrir-se. E foi assim que depois de muito sofrimento, muita cacetada que levava dos agentes e, muitos dias que passava trancafiado no isolamento, Marcão conseguira voltar para o seu adorado sertão do Canindé. Escutamos relatos inclusive dos agentes, que certa vez, o coitado do Miranda tivera seu intestino grosso todo exposto, por conta de um cachimbo que outro interno introduzira no seu ânus contorcendo-o e puxando perversamente, o que resultara numa cirurgia que tivera que fazer para reconstituí-lo, deixando-lhe uma generosa cicatriz no abdômen como testemunha de mais este trauma.

O odor naquele lugar é tão insuportável que certa vez, o então presidente da OAB secção-SE, Dr. Henri Clay com uma equipe de advogados, estivera lá para fazer uma inspeção de súbito e, fora frustrado no primeiro momento com a proibição de penetrar àquela unidade carcerária, qual é chamada de Hospital de Custódia e Tratamento, e, fora surpreendido com o indeferimento da então diretora Sandra Cacilda, que ordenara aos agentes que não deixassem os advogados entrarem. Foi então, que o doutor Henri Clay percebera que algo estava errado para ser imposta aos advogados tal proibição, e, indignado com tal situação impôs o seu direito de representante máximo dos advogados no Estado e, lembrou aos agentes que tal atitude era ilegal e, que estes iriam pagar criminalmente se não abrisse os portões para a sua entrada; e foi “na tora”, em nosso melhor vernáculo, que os representantes da OAB conseguiram penetrar naquele fétido pavilhão no ano de 2005, para sair pouco mais de um minuto depois, afugentado pelo mau cheiro e chocado com as condições deploráveis que teve o dissabor de constatar nos internos daquela instituição prisional. De imediato, declarou a todos os jornais e tele-jornais à época que urgia que a justiça interditasse aquele local

desumano; uma chaga purulenta no coração da capital sergipana a “açoitar” os direitos humanos!

Há também um breve instante de felicidade, quando uma vez por mês, sempre à última quinta-feira; um grupo de senhoras da pastoral carcerária vão lá para dar alento e realizam uma breve missa no salão de recepção familiar, que ao terminar, vem a parte que mais interessa para eles, a distribuição de sucos, cachorro-quente, bolos. Porém, o que não conseguimos aceitar, é a inércia desse pessoal que se diz cristão, que por levarem essa esmola, acham que já estão cumprindo o seu dever de cidadão (cristão), cerrando a visão para todas as mazelas e necessidades mais prementes daquele pessoal (hipócritas!).

Estas casas não têm vocação médica alguma; não se é admitido aí para ser tratado, mas porque não se pode ou não se deve mais fazer parte da sociedade. O internamento que o louco, juntamente com muitos outros, recebe na época clássica não põe em questão as relações da loucura consigo própria, com o que ela reconhece ou não na conduta dos indivíduos. (Foucault; apud; p. 79)

Neste período em que baseio esta pesquisa 2002-2007, sempre se mantivera internados cerca de 100 doentes, contando com as três internas, que ficam separadas em um pequenino pavilhão, logo mais em frente ao salão de recepção. E este contingente é uma constante, uma vez que é muito difícil alguém receber “alta” daquele lugar de supliciante expiação. Onde grande parte dos internos dorme pelo chão úmido, uma vez que as “pedras” (camas feita de alvenaria) são insuficientes para todos, o que não faz muita diferença, porque, como são de cimento ficam úmidas do mesmo jeito e, sem colchão ou cobertor para se protegerem do frio noturno, haja vista que quando o recebem já é em péssimo estado de conservação, pois pegam os sobejos dos mais atinados; e, pra completar, tem um “quarto” enorme no final do corredor (em frente a solitária) que é onde ficam trancados os mais doentes durante a noite,

superlotando aquele recinto por demais fétido e úmido. Fazemos este relato cômico da responsabilidade que advém dessa pesquisa minuciosa pelo interior daquele nosocômio e, quereríamos poder registrar tudo que estamos dizendo em imagens e com a participação explícita e autorizada formalmente pelos internos, mas, nada disto nos foi permitido e, não será por quem quer que seja, que queira fazer um trabalho sério e, exteriorizar a realidade intrínseca daquele abatedouro de almas, sim, pois como a ânsima sobreviver à situações tão adversas por tanto tempo! Sei que desagradaremos muitas pessoas que se beneficiam e, intencionam perpetuarem esse estado de perplexidade e lamúria no Estado de Sergipe. Porém, afirmamos, que se interrogados para prestar os devidos esclarecimentos, corroboraremos todos os fatos aqui narrados, fácil para nós será comprovar a veracidade de tudo que expomos sem a intenção de prejudicar a quem quer que seja, nem tampouco com o interesse de locupletarmo-nos; mas, com o único motivo que nos impulsionou a fazê-lo: O nosso compromisso com a verdade! E, com a esperança de vermos um basta nas atrocidades cometidas naquele local sob a conivência do poderio do Estado; o que nos remota ao passado longínquo dos séculos XVII, XVIII, XIX e, início do século XX. Denotando a irresponsabilidade do Estado de Sergipe em gerir a coisa pública.

A loucura no sentido mais amplo situa-se aí: neste nível de sedimentação nos fenômenos de cultura em que começa a valorização negativa que tinham sido apreendido originalmente como o diferente, o insano, a desrazão. Aí, as significações morais se engajam, as defesas atuam; barreiras elevam-se, e todos os rituais de exclusão organizam-se. (Foucault, Michel; apud; p. 85)

Nossa intenção de escrever este trabalho foi mostrar as pessoas, de uma maneira bem clara, a realidade de um manicômio judiciário, trazendo à baila os pontos negativos. Tentamos

descrever o nosocômio de maneira bem real, para que o leitor, que nunca tenha visitado um manicômio judiciário, tenha a impressão de lá estar. O choque é total, pois a sujeira e o mau cheiro imperam no pavilhão. Há dois internos responsáveis para zelar e limpá-lo internamente (Josevan e Antônio Senna), mas não adianta, pois eles sujam o local a todo instante. Vivem imundos, pois quem tem de lavar as roupas são eles próprios, já que no manicômio não há lavanderia. Para se ter uma ideia cinquenta por cento desses pacientes encontram-se com escabiose e, além do mais, a promiscuidade é intensa entre eles (atos de pederastia e masturbação são realizados com frequência).

Nem no moral, nem no físico, existe homem absolutamente normal. O homem é criação do espírito: à vontade, determinando-se por si mesma, é uma concepção abstrata da razão. O homem normal, como nos é permitido conhecê-lo, é um indivíduo dotado de atividade psíquica mais ou menos regular. (Penteado, Conceição; 2000; p. 15)

Noções de Direito Especial Vigente:

Imputável é a pessoa capaz de entender o caráter criminoso do fato e de determinar-se de acordo com esse entendimento. Portanto, imputabilidade é a capacidade que o indivíduo tem de compreender a ilicitude de seu ato e de livremente querer praticá-lo. Responsabilidade, na concepção de Magalhães de Noronha (1981), “é a obrigação que alguém tem de arcar com as conseqüências jurídicas do crime. É o dever que tem a pessoa de prestar contas de seu ato.

Ela depende da imputabilidade do indivíduo, pois não pode sofrer as conseqüências do fato criminoso (ser responsabilizado) senão o que tem consciência de sua antijuridicidade e quer executá-lo (ser imputável). Podemos notar, após a explicação acima, que imputabilidade e responsabilidade são distintas, apesar de, no código penal de 1940, serem consideradas

sinônimas, pois o nome do título do art. 22 é responsabilidade e, na exposição de motivos, no item 19, lia-se imputabilidade.

Com a reforma de 1984, podemos verificar que tanto o nome do art. 26, quanto na exposição de motivos, no item 22, lê-se imputabilidade, não havendo mais a contradição encontrada no passado. A imputabilidade não é definida diretamente no Código e sim indiretamente, pois é a inimputabilidade que aparece no caput do art. 26, que versa o seguinte: “É isento de pena o agente que, por doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado era, ao tempo da ação ou da omissão, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento”. Portanto, imputável, é o indivíduo mentalmente são e desenvolvido, capaz de entender o caráter ilícito do fato e de determinar-se de acordo com esse entendimento.

“Note-se que a norma não fala que o sujeito não compreendeu o caráter ilícito do fato, uma vez que assim dissesse, estaria determinando uma apreciação concreta e psicológica. Distinguem-se, pois, a capacidade intelectual e volitiva (imputabilidade) e consciência da ilicitude. Trata-se dessa forma, de um puro juízo de valor a respeito da capacidade de culpabilidade”. É, então, no momento da prática da infração, que deve existir a inimputabilidade. É por isso que, para ficar caracterizada a inimputabilidade, o art. 26, caput, determina que a deficiência deva existir “ao tempo da ação ou da omissão”.

Quanto ao critério de avaliação penal, os idiotas e os imbecis são considerados irresponsáveis, portanto, enquadram-se no art. 26 do Código penal e, quanto aos débeis mentais, sua imputabilidade criminal dependerá da capacidade de entendimento do caráter criminoso de seus atos e de determinar-se de acordo com esse entendimento, ficando enquadrado no art. 26 ou em seu parágrafo único do mesmo código.

Achamos desnecessárias nossas palavras em relação a esta categoria de doentes mentais, pois os mesmos são vítimas do que denominamos síndrome da estagnação psiquiátrica em relação a esse tipo de paciente e, também, no tocante à farmacoterapia, são inexistentes os remédios para o doente mental oligofrênico. Isto ocorre porque esse tipo de doente mental é encontrado nos países de terceiro mundo e não nos países desenvolvidos, pois os fatores que levam ao surgimento dessa doença são a pobreza, a desnutrição, a falta de propaganda e incentivo para os exames pré-natais, fatos típicos que ocorrem no dia a dia dos países subdesenvolvidos, não havendo, portanto, maior interesse e nem possibilidade de melhora para esses pacientes.

Gostaríamos de salientar que a disciplina no manicômio não pode ter o rigor da de uma penitenciária. O diretor de um manicômio judiciário deve ser um psiquiatra, e este tipo de estabelecimento exige que o pessoal que ali trabalha seja competente, a começar pelo diretor e seus colaboradores, técnicos, especialistas, funcionários, guardas etc. (PENTEADO; apud; p. 62)

Eclodem dos recônditos Medievais os arquétipos em que estão alicerçadas as nossas sanções que ainda hoje viger no país. Apesar de tantos anos passarem-se e, de tantas mudanças e modernizações na forma de concepção e entendimento dos males que afligem o doente mental. E, apesar de tantas alterações em nosso código penal, com o advento dos Direitos Humanos na segunda metade do século XX para cá, garantindo os direitos mais imprescindíveis à proteção da vida e da dignidade humanas. Porém, consuetudinariamente nada disto tem saído do papel e, muitos desses direitos continuam sendo espoliados sob o arbítrio do Estado brasileiro.

E a sentença que condena ou absolve não é simplesmente um julgamento, uma decisão legal que sanciona; ela implica uma apreciação de normalidade e uma prescrição técnica para uma normalidade possível. O juiz de nossos dias – magistrado ou jurado – faz outra coisa, bem diferente de “julgar”. (Foucault; Rio de Janeiro; 2000; p. 22).

É uma constante em nossa história ao tratamento do doente mental, a sua completa exclusão, segregando-o sempre em locais fétidos, com pouca ventilação e estiolados; inclusive, dividindo estes espaços insalubres em companhia das mais desagradáveis moléstias que acometia a espécie humana desde a explosão demográfica assistida no medievo à modernidade, adentrando a idade contemporânea com o advento do Século XX. Onde, no Brasil, tais práticas continuaram sendo efetivadas. Misturando os doentes mentais com os doentes Variolosos, sífilíticos, leprosos, criminosos das piores espécies, mendigos... Enfim, a ordem era excluir esses seres “ignominiosos que conspurcam” a sociedade e, nada têm nem terão para contribuir com o progresso tão indispensável ao seu país e, conseqüentemente ao seu povo, que carece d’um apanágio de espíritos de escol para dar-vos uma guinada moral, racial, e intelectual. Pois, sabemos que fora Phillipe Pinel, sob os auspícios da Revolução Francesa quem revolucionara o tratamento na saúde Mental, à frente da Bicêtre (de Paris) com o assentimento da Comuna, sob os jargões: Liberdade, Democracia e, Solidariedade; que sabiamente aquele jovem médico vislumbrara quão paradoxal ser-vos-ia a ostentação de tais flâmulas, se não houvesse uma ruptura abrupta com os métodos clássicos de tratamento aos doentes mentais, que até então não eram vistos como seres humanos. Pecha esta, que perdura em nosso país até os nossos dias.

Considerações Finais:

Esperamos não ter deixado a falsa impressão, que este trabalho fora motivado por alguma espécie de revanchismo particular e, que nada interferira no nosso compromisso em expor somente a verdade nestas laudas precedentes. Uma vez que, não nos apraz um único instante, reviver todas as arbitrariedades e peculiaridades do “Hospital de Custódia e Tratamento de Sergipe”. Pelo contrário, confessamos-vos, é algo nefando, uma vez que quando nos dispomos a rememorar certos fatos, literalmente passamos a revivê-lo, isto é, viver novamente, o que de algum modo, inconscientemente, já estava sendo suprimido pela nossa razão, que catarticamente busca obliterar de nossas lembranças essas desventuras a fim de nos poupar de tais sofrimentos e, nos admoestar: que apesar de tudo, a vida continua, e, que de absolutamente tudo nesta vida, devemos extrair lições para nossa maturação (tornando-nos melhores enquanto seres humanos, literalmente racionais), e que, independente da situação em que estejamos (pois haverá sempre alguém em pior situação que a nossa) sempre poderemos fazer algo em prol de nosso próximo, para somente assim, nos engajarmos na dinamicidade pertinaz do universo, que exige de nós que não sejamos meros coadjuvantes desse teatro itinerante de nossa existência, mas que assumamos a responsabilidade de exímios protagonistas e, somente assim, atuarmos dando a nossa contribuição no engrandecimento do espetáculo terrestre, e, soberbamente, podermos ser ovacionados ao cerrarem-se as cortinas desse show entusiasmante que terá sido a nossa vida.

Está sendo considerada reforma psiquiátrica o processo histórico de formulação crítica e prática que tem como objetivos e estratégias o questionamento e a elaboração de propostas de transformação do modelo clássico e do paradigma

da psiquiatria. No Brasil, a reforma psiquiátrica é um processo que surge mais concreta e principalmente a partir da conjuntura da redemocratização, em fins da década de 1970, fundado não apenas na crítica conjuntural ao sistema nacional de Saúde Mental, mas também, e principalmente, na crítica estrutural ao saber e às instituições psiquiátricas clássicas, no bojo de toda a movimentação político-social que caracteriza esta mesma conjuntura de redemocratização. (AMARANTE, 1995; p. 91).

Deixando os melindres para segundo plano e, fazendo o que convém a homens e mulheres que esforçam-se para alcançar a eticidade: denunciar, contestar, indignar-se com as injustiças, apontar soluções materializáveis, dar a sua parcela de contribuição, mostrar os caminhos, muitas vezes ásperos e sinuosos, para concretizarem-se tais mudanças. Motivos pelo qual vêm a cairá este tema e, pelo qual nos engajamos sem maiores delonga, pois, é somente através do “Conhecimento que poderemos promover a Acessibilidade”, ou seja, é somente “arregaçando” o interior daquela “Estação de Loucura”, que poderemos melhorar a estada dos que ainda precisam passar por ali para se tratar, e, dali, ressurrecto, galgarem a aprazia da acessibilidade ao “desembarcarem do trem” que os conduzirão com destino a liberdade. Pois, à medida que não se tem um tratamento eficaz nestes locais onde são confinados esses doentes. O que poderemos esperar dos mesmos, a não ser sua reincidência? Por isto, é somente sob as alvíssaras do conhecimento empírico e científico, pois, este não se realiza sem aquele, que poderemos dar esse salto quântico no tratamento ao doente mental.

Referências Bibliográficas:

CID, J. M. Sobral (José de Matos S.); **Obras (Outros Temas Psiquiátricos, Problemas de ensino e outros temas, 1877-1941)**; Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa, 1 de fevereiro de 1984; PP. 126-148.

FOUCAULT, Michel; **Doença Mental e Psicologia**; tradução: Lilian Rose Shalders. P. 75-80; 6ª edição. Biblioteca Tempo Universitário, Rio de Janeiro – 2000

FOUCAULT, Michel; **Vigiar e Punir**, Tradução: Raquel Ramalhete; 36ª edição ED. Vozes; Petrópolis, RJ – 2009; P. 21-26.

NORONHA, Magalhães; **E. Direito Penal**; ED. Saraiva; Rio de Janeiro – 1981; P. 172.

PENTEADO, Conceição; **Psicopatologia Forense**; ED. Lumen Juris LTDA; Rio de Janeiro – 2000; PP. 29,30, 47, 50, 65, 68, 69.

